



“A PROPOSTA PAIDEIA” UM MAGNÍFICO DESAFIO

Roberto Miscow Filho

INTRODUÇÃO

Na capa do periódico onde este artigo está sendo publicado, logo abaixo do título “A Defesa Nacional”, aparece um esclarecimento: “Revista de assuntos militares e estudo de problemas brasileiros”.

Acreditamos que grande parte dos leitores desta revista, se fossem consultados, responderia que a educação é o maior dos problemas brasileiros.

O presente trabalho aborda justamente o problema da educação; não sendo esse assunto de nossa especialidade, pedimos a paciência dos que nos lêem, mesmo porque pretendemos apresentar, basicamente, conceitos, opiniões de um grande e respeitado educador norte-americano.

UM PEQUENO GRANDE LIVRO — No ano passado, foi editado nos Estados Unidos um livro de pequeno tamanho (cerca de cem páginas), porém de conteúdo tão rico em verdades e tão expressivo em seu dramático apelo que não tememos considerá-lo um dos grandes livros deste final de século.

Trata-se da publicação: “The Paideia Proposal — An Educational Manifesto” (“A Proposta Paideia — Um Manifesto Educacional”), de autoria do insigne pensador Dr. Mortimer J. Adler.

A palavra *Paideia*, do grego, significa: educação, ensino, exercício (para as crianças), método de ensino, formação, arte de fazer qualquer coisa; entretanto, poderíamos traduzi-la mais livremente como: “educação humanista”.

Em síntese, o livro de Adler consiste num apelo, numa vigorosa sugestão visando a uma verdadeira reforma no ensino básico norte-americano, em particular o ensino público, reforma essa dirigida no sentido de melhorar sua qualidade e recuperá-lo de uma grave crise cuja extensão, pelo menos por nós, não era bem conhecida.

Neste momento, é possível contarmos com a objeção típica de algum eventual leitor "nacionalista" que ache não valer a pena nos preocuparmos com problemas de outros países. Pedimos a esse hipotético leitor que espere um pouco, porquanto tais problemas talvez não sejam tão estranhos ao nosso próprio ensino.

A "Proposta Paideia" está dividida em quatro partes:

- "A Escolaridade de um Povo"
- "O Essencial da Escolaridade Básica"
- "Ensinar e Aprender"
- "Além da Escolaridade"

num total geral de 12 capítulos, todos de leitura agradável, acessível ao leitor médio, apresentando argumentação baseada em conceitos rigorosos, sem prejuízo da simplicidade do estilo (o que é sempre uma das marcas do bom educador).

O primeiro capítulo intitula-se "Democracia e Educação" e desenvolve considerações sobre a conexão necessária, vital, entre aqueles dois termos. Logo no início do capítulo, diz Adler:

"Os dois — sufrágio universal e escolaridade universal — estão inextricavelmente unidos. Um sem o outro é um perigoso embuste. O sufrágio sem escolaridade produz a

olocracia, não a democracia, não o regime da lei, não o governo constitucional pelo povo e para o povo".

A esse respeito convinha lembrar a leviandade e o açodamento com que entre nós brasileiros muitos defendem o voto de analfabetos, defesa essa muito comum de ser ouvida entre os partidários da chamada "esquerda festiva".

Adler insiste no princípio de que, para se atingir uma verdadeira democracia não basta dar escola para todos; é fundamental que a todos, sem exceção, seja dada a mesma qualidade de educação; ele cita o ilustre Robert Maynard Hutchins que dizia:

"A melhor educação para o melhor é a melhor educação para todos".

Esse aspecto da qualidade é muitas vezes esquecido pelos responsáveis por nossos meios de comunicação (jornais, rádio, televisão, cinema) que julgam nada existir de mal, de nocivo quando impingem à população notícias, programas, filmes marcados pela mediocridade, pela grosseria, pela exaltação da violência. Seria oportuno lembrar aos responsáveis por tais notícias, programas e filmes, que não se faz, não se constrói uma democracia autêntica rebaixando valores, nivelando as pessoas pela medida do instintivo, do irracional.

Outro ponto importante abordado pelo educador norte americano é o da educação plena, isto é, a idéia de que não basta "treinar" os moços para esse ou aquele trabalho; é necessário, principalmente, educá-los para os deveres da cida-

dania democrática e para a "fruição das coisas do espírito e da mente que são essenciais a uma vida humana".

No capítulo segundo ("Escolaridade — Somente uma Parte da Educação"), Adler nos lembra que o processo educativo dura uma vida inteira, sendo a escolaridade somente uma fase curta, porém necessária daquele processo.

O nosso corpo pára de crescer em torno dos vinte anos; entretanto permanece, para o resto da vida, a possibilidade de crescimento mental, moral e espiritual.

Sobre esse tema, pode ser lembrado um certo tipo de atitude cômoda que seria a do educador omissivo em apontar para o educando aquela possibilidade, fazendo-o crer que basta obter um diploma para ter encerrada sua educação.

O terceiro capítulo ("Os Mesmos Objetivos para Todos") sugere três objetivos que devem existir dentro de uma educação básica para se garantir a qualidade de uma educação democrática:

- todas as crianças devem ser capazes de crescer não só fisicamente como em todas as dimensões humanas; a educação básica (primária e ginásio) deve prepará-las para esse atingimento;
- todas as crianças devem ser educadas para assumir os deveres e as responsabilidades da cidadania; isto exige não só o cultivo de virtudes cívicas como o suficiente entendimento dos princípios políticos que regem o País;

- todas as crianças devem ser educadas de modo a adquirirem habilidades fundamentais para qualquer trabalho e não "treinadas" para executar uma tarefa específica.

O pensador, o filósofo Adler, nos lembra que o ser humano, entre todas as criaturas da terra, é o menos especializado em sua estrutura anatômica e em seu comportamento instintivo; por isso mesmo, uma educação realmente humana deve levar em conta a flexibilidade, a habilidade de adaptação do homem.

Dando seguimento a tais idéias, o capítulo 4, ("O Mesmo Currículo para Todos") apresenta três grupos de atividades, sugeridos por Adler, para constituírem um currículo adequado ao grande objetivo de se obter qualidade na escolaridade básica:

- aquisição de conhecimento organizado, através de livros-texto e aulas convencionais, sobre linguagem, literatura, artes, matemática, ciências naturais, história, geografia e estudos sociais;
- desenvolvimento de habilidades, por meio de exercícios e prática supervisionada, nas operações de ler, escrever, falar, ouvir, calcular, resolver problemas, observar, medir e estimar;
- entendimento geral de idéias e valores, por meio de método Socrático de perguntas e respostas, na leitura e discussão de livros (não livros-texto) e outros trabalhos de arte,

bem como participação em atividades artísticas (música, teatro etc.).

Esse terceiro grupo de atividades pode ser considerado uma contribuição tipicamente Adleriana; o autor do livro comenta a respeito o seguinte:

"O método de ensino interrogativo ou sob forma de discussão a ser usado no terceiro grupo estimula a imaginação e o intelecto despertando as potencialidades criativas e indagadoras. Não há outra maneira de melhorar o entendimento das crianças e de realçar sua apreensão de assuntos culturais".

Percebe-se, implícito, o respeito do educador pela capacidade natural do aluno, bem como a sua crença fundamental na verdade objetiva, verdade presente não só nas chamadas "ciências exatas" como também nas demais obras do intelecto humano.

Os livros sugeridos por Adler são dos mais diversos tipos: históricos, científicos, filosóficos, poemas, contos, ensaios; sua leitura deve atingir um duplo propósito:

- aprimorar a capacidade de pensar claramente, criticamente e reflexivamente, obrigando os participantes a analisarem suas próprias mentes;
- introduzir os alunos no estudo das idéias básicas do governo e das instituições do País.

No capítulo cinco ("Vencendo Dificuldades Iniciais"), Adler mostra estar a par dos problemas reais, diuturnos dos que têm a tarefa de ensinar. Ele sabe que existem crianças carentes de alimentação ade-

quada, carentes de conforto material e de carinho familiar. Para essas crianças se fazem necessários recursos governamentais pré-escolares, bem como outras medidas especiais visando a preparação dos futuros alunos da escola básica, principalmente os da escola pública.

Esse apoio governamental se faz necessário para eliminar o desequilíbrio entre crianças oriundas dos lares mais diversos, muitos dos quais incapazes de fornecer a nutrição adequada a seus filhos (é oportuno lembrar: Adler escreve motivado pelos problemas observados nos *Estados Unidos...*). Eliminando o desequilíbrio, pode-se conseguir, efetivamente, a mesma qualidade de ensino para todos.

Adler insiste:

"Uma sociedade democrática, definida como um ideal a ser aproximado, é aquela na qual, sendo todos iguais em sua humanidade, desfrutam igualdade de tratamento".

No capítulo seis ("Diferenças Individuais"), são refutadas possíveis objeções dos céticos quanto ao estabelecimento de uma mesma educação, de um currículo único para todas as crianças.

Adler nos lembra a fundamental identidade de natureza humana; todas as crianças são igualmente educáveis.

Nem todos podemos nos tornar músicos, porém todos somos potencialmente capazes de nos sensibilizar com o 3º movimento da 9ª Sinfonia de Beethoven ou com os acordes da "Novo Mundo" de Dvorak; nem todos podemos nos

transformar em matemáticos, porém todos somos potencialmente capazes de admirar e entender o rigor e a elegância da geometria Cartesiana; nem todos podemos acabar como escritores, porém todos somos potencialmente capazes de apreciar as aventuras na "Ilha do Tesouro", de Stevenson, ou de avaliar o drama do "Dom Casmurro", de Machado. Não importam as diferenças dos temperamentos ou dos ambientes familiares onde somos criados.

O bom educador não deve temer fazer exigências ao trabalho dos jovens; o autor citado diz textualmente:

"A ausência de estímulo intelectual, o fato de não desafiarmos os estudantes, deixando de esperar o máximo deles, conduz os moços ao tédio, à delinqüência, à violência contra a lei, à dependência das drogas, ao alcoolismo e outras formas de comportamento indesejável."

A menos que as energias transbordantes dos jovens sejam inteiramente e construtivamente usadas, elas se derramarão em todas as formas de comportamento anti-social e destrutivo."

O capítulo sete aborda "O Coração da Matéria". Não basta proclamarmos princípios, estabelecermos objetivos comuns, organizarmos um currículo adequado aos objetivos; todas essas ações constituem pré-requisitos externos. O atendimento desses pré-requisitos, embora necessário, não é suficiente.

O coração da matéria, o núcleo de uma escola de qualidade (e con-

vém lembrar que Adler está muito mais preocupado com a escola pública, primário e ginásio) é representado pelo bom desempenho dos mestres e dos alunos, cada um em sua atividade específica: ensino e aprendizagem.

Quanto aos alunos, Adler enfatiza o princípio de que o aprendizado é eminentemente ativo, não passivo; o ato de aprender envolve todo o espírito, não somente a memória. "É um processo de descoberta, no qual o estudante é o principal agente, não o professor".

O professor deve estar sempre disposto a despertar a curiosidade, o entusiasmo dos alunos; deve aceitar o papel de alguém que ajuda o aluno a descobrir e não o papel de um "sabe-tudo" que pretende empurrar seus conhecimentos dentro da mente do aluno.

Tal posicionamento do professor torna-se mais necessário por ocasião da leitura e discussão, feita em grupo, de livros e outras obras de arte; nesse caso, é recomendável, inclusive, o uso de salas adequadas, diferentes das salas de aula convencionais.

Adler trata, entre outros assuntos, do problema disciplinar, lembrando que a paz dentro da escola é talvez muito mais necessária que nas ruas da cidade. A escola deve se preocupar com o desenvolvimento do caráter moral dos alunos; entretanto o senso moral deve ser desenvolvido por meio da disciplina e dos exemplos que definem comportamentos desejáveis. Não basta darmos "lições de moral" aos alunos.

No capítulo oito, Adler tece oportunas considerações sobre a "Preparação dos Professores" pois serão eles os responsáveis pelo êxito de qualquer reforma do ensino que venha a ser implantada.

O educador norte-americano analisa, com fina perspicácia, as características que deve possuir o professor, em particular o mestre do ensino básico (cursos primário e ginásial), bem como condições ambientais que atualmente se colocam à frente dos professores dificultando seu desempenho. Referindo-se ao ambiente atual de sua sociedade, escreve Adler:

"Não somente pagamos muito pouco a nossos professores pelo trabalho que esperamos deles, como também falhamos, neste país (os Estados Unidos...), deixando de respeitar o valor do serviço que eles prestam à comunidade".

Será a sociedade atual dos Estados Unidos a única a merecer semelhante crítica?

CONCLUSÃO

Fizemos ligeiro comentários sobre alguns dos doze capítulos do livro que, na opinião de Albert Shanker, Presidente da Federação Americana de Professores, "dominará as discussões sobre educação durante a próxima década".

Para nós ficou, da leitura dessa obra, a seguinte idéia básica: não se pode pretender conseguir uma democracia autêntica sem um ensino de *qualidade*, e esse ensino deve ter a mesma qualidade para *todos*.

Porém, não devemos esquecer que o livro ora citado também nos recordou o sentido da educação como um processo de transformação do homem naquilo que ele deve realmente ser: uma pessoa e não um animal mais complexo que os outros animais.

No que tange à contribuição específica do ensino de qualidade para o futuro das Forças Armadas, é interessante lembrar que entre os grupos de pessoas os quais o livro de Adler é dedicado, logo no preâmbulo, aparecem:

"Aos líderes militares que necessitam, em suas tropas, de pessoal capaz intelectualmente de lidar com armamento sofisticado."

Consta que a editora da Universidade de Brasília lançará brevemente uma tradução do livro de Adler; desse modo, é bem possível que, ao ser publicado este artigo, os leitores poderão contar com a oportunidade de ler integralmente a "Proposta Paideia" cujas sugestões julgamos, "mutatis mutandis", aplicáveis em nosso País.



O Cel ROBERTO MISCOW FILHO pertence ao Quadro de Engenheiros Militares e possui os cursos militares da Academia Militar das Agulhas Negras (Infantaria), da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (Comunicações) e do Instituto Militar de Engenharia (Engenheiro de Comunicações e Mestre em Ciências em Engenharia Elétrica).

Prestou serviços no 13º Batalhão de Caçadores, Joinville-SC (1953-1956), na Academia Militar das Agulhas Negras (1957-1958) e no Serviço Rádio do Ministério do Exército (1963-1968). Atualmente é o Chefe da Divisão de Ensino e Pesquisa do Instituto Militar de Engenharia (IME).

1983

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO
GENERAL EUCLYDES DE OLIVEIRA FIGUEIREDO
E DO
GENERAL FRANCISCO DE PAULA CIDADE
FUNDADORES DE A DEFESA NACIONAL
